



«Espirituoso e completamente hilariante,
com a quantidade certa de romance,
Noivos à Força é a comédia romântica perfeita.»

Helen Hoang, autora bestseller de *A Fórmula do Amor*



NOIVOS À FORÇA



Finalista
do PRÊMIO
GOODREADS
para Melhor
Romance

BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*
E DO *USA TODAY*



CHRISTINA
LAUREN



TOP
SEL
LER

*Para Hugues de Saint Vincent.
Trabalha como um capitão, diverte-te como um pirata.*

Capítulo 1

Na calma que precede a tempestade — neste caso, o momento de abençoada calma na suite da noiva mesmo antes de o grupo de preparação para o casamento se instalar —, a minha irmã gémea olha com ar crítico para as unhas acabadas de pintar de rosa-concha e diz:

— Aposto que estás aliviada por eu não ser uma noiva paranoica. — Olha de relance para mim, do outro lado do quarto, e sorri com bonomia. — Aposto que estavas à espera de que eu fosse *impossível* de aturar.

É uma afirmação tão perfeitamente adequada ao momento que tenho vontade de lhe tirar uma fotografia para emoldurar. Troco um olhar cúmplice com a nossa prima, a Julieta, que está a pintar novamente as unhas dos pés da Ami («Devia ser mais rosa-pétala do que rosa-bebé, não achas?»), e gesticulo para o corpete do vestido de noiva da Ami, que está pendurado num cabide de seda junto do qual estou laboriosa e dolorosamente a assegurar-me de que cada uma das lantejoulas está na posição correta.

— Define «paranoica».

A Ami volta a cruzar o olhar com o meu, desta feita com uma expressão quase calorosa. Está a usar uma espécie de soutien de noiva muito requintado e complicado de vestir, e uma parte de baixo quase inexistente que o porreiro do seu noivo, o Dane, certamente destruirá mais tarde — este pensamento faz-me sentir uma certa dose de náusea. A maquilhagem da Ami está feita com muito bom gosto e o véu fofo foi preso no cabelo escuro, apanhado num penteado alto. É chocante.

Quer dizer, estamos habituadas a ter um aspeto idêntico por fora, embora saibamos que por dentro somos pessoas completamente diferentes, mas isto é algo absolutamente desconhecido para mim: a Ami é o retrato de uma noiva. Subitamente, a sua vida não tem a menor semelhança com a minha.

— Eu não sou paranoica — argumenta ela. — O que sou é perfeccionista.

Encontro a minha lista e seguro-a ao alto, agitando-a para chamar a sua atenção. É um pedaço de papel grosso, cor-de-rosa, com o rebordo ondulado, com o título *Lista de Tarefas da Olive — Edição Dia do Casamento* escrito numa caligrafia meticulosa que inclui 74 (*setenta e quatro*) itens que vão desde *Verificar simetria das lantejoulas no vestido de noiva* a *Retirar pétalas murchas dos arranjos florais das mesas*.

Cada dama de honor tem a sua própria lista, talvez não tão detalhada como a minha, mas com uma caligrafia igualmente elaborada. A Ami até desenhou pequenos quadrados para podermos riscar aquando da conclusão de cada tarefa.

— Algumas pessoas podem achar estas listas um pouco exageradas — respondo.

— São as mesmas pessoas que davam um braço e uma perna para terem metade da elegância que o meu casamento vai ter.

— Certo. E contratam um organizador de casamentos para tratar de... — digo, mostrando a lista. — Limpar condensação das cadeiras meia hora antes do início da cerimónia.

A Ami sopra as unhas para as secar e solta uma gargalhada de vilã de filme.

— Os idiotas.

Sabem certamente o que se diz sobre as profecias que se cumprem a si mesmas. Vencer faz-nos sentir vencedores e, por isso, não sabemos bem como, mas... continuamos a vencer.

Só pode ser verdade, porque a Ami vence em tudo e mais alguma coisa. Comprou uma rifa numa feira de rua e foi para casa com um conjunto de bilhetes para o teatro local. Depositou o seu cartão de visita numa taça no bar The Happy Gnome e ganhou *happy hours* durante um ano. Já ganhou mudanças de visual, livros, bilhetes para estreias de filmes, um cortador de relva, inúmeras t-shirts e até um carro. Claro que também ganhou o conjunto de caligrafia com que costumava escrever as suas listas de tarefas.

Tudo isto para dizer que assim que o Dane Thomas fez o pedido, a Ami assumiu o desafio de poupar os nossos pais às despesas habituais de um casamento. Por acaso, eles até podiam contribuir — são desorganizados em muitos aspetos, mas não no que diz respeito às finanças —, mas para a Ami o melhor jogo que pode jogar é ter coisas sem as pagar. Se, antes do noivado, a Ami encarava os concursos e sorteios como um desporto de competição, a Ami *noiva* passou a vê-los como os Jogos Olímpicos.

Assim, ninguém na nossa numerosa família ficou surpreendido quando ela conseguiu planejar com sucesso um casamento elegante com 200 convidados, bufete de marisco, fonte de chocolate e rosas multicolores a jorrar de todos os vasos, jarras e taças... gastando, no máximo, mil dólares. A minha irmã esforça-se tremendamente para encontrar as melhores promoções e concursos. Partilha todos os passatempos que vê no *Twitter* e no *Facebook* e até tem *AmeliaTorresVence@xmail.com* como endereço de e-mail — muito adequado.

Finalmente convencida de que não há lantejoulas rebeldes, tiro o cabide do seu gancho de metal na parede com a intenção de o levar à minha irmã.

Mas assim que lhe toco, tanto a minha irmã como a nossa prima gritam em uníssonos e a Ami levanta as mãos, com os lábios rosa-mate a formarem um *O* horrorizado.

— Deixa-o ficar aí, Ollie — diz ela. — Eu vou até ao vestido. Com a tua sorte, ainda tropeças nele, caís sobre a vela e tudo acaba consumido numa bola de chamas e lantejoulas.

Não discuto com ela: afinal, a observação não é completamente despropositada.

Ao passo que a Ami é um trevo de quatro folhas, eu sempre fui bastante azarada. Não digo isto para ser dramática ou apenas porque pareço azarada em comparação com ela; não, digo-o porque é uma verdade objetiva. Procurem no *Google* Olive Torres, Minnesota, e vão encontrar dezenas de artigos e comentários dedicados ao momento em que entrei para uma daquelas máquinas de jogos que têm uma garra para apanhar objetos e fiquei lá presa. Tinha 6 anos, e quando o peluche que apanhara não caiu diretamente para a gaveta, decidi entrar na máquina para o ir buscar.

Passei duas horas dentro da máquina, rodeada por muitos ursos de brincar com pelo áspero e cheiro a químicos. Lembro-me de olhar pelo acrílico manchado de dedadas e de ver uma profusão de rostos frenéticos a gritarem ordens abafadas uns aos outros. Aparentemente, quando os donos do salão de jogos explicaram aos meus pais que, na verdade, não eram proprietários da máquina, e que, por isso, não tinham a chave para a abrir e entrar, chamaram os bombeiros de Edina. A equipa de reportagens local seguiu-os e documentou diligentemente a minha extração da máquina.

Avançando 26 anos no tempo e — muito obrigada, *YouTube* — o vídeo ainda existe por aí. Até à data, foi visto por quase meio milhão de pessoas; pessoas essas que puderam constatar como eu era suficientemente teimosa para entrar na máquina e suficientemente azarada para ficar com o cinto preso enquanto tentava sair, deixando, portanto, as calças para trás, juntamente com os ursos.

Esta é apenas uma história. Por isso, sim, a Ami e eu somos gêmeas idênticas — temos ambas cerca de um metro e sessenta de altura, cabelo escuro que endoidece ao menor sinal de humidade, olhos castanho-escuros, narizes arrebitados e constelações de sardas muito semelhantes —, mas as parecenças entre nós ficam por aqui.

A nossa mãe sempre tentou acolher as nossas diferenças para que sentíssemos que somos seres individuais e não um conjunto de pessoas que tem de condizer. Sei que as suas intenções eram boas, mas tanto quanto a minha memória me permite recordar os nossos papéis estavam determinados: a Ami é uma otimista que procura sempre o lado bom das coisas; e eu tenho tendência para presumir sempre que o céu me vai cair em cima. Quando tínhamos 3 anos, a nossa mãe vestiu-nos de Ursinhos Carinhosos para o *Halloween*: a Ami era o Ursinho Otimista. Eu era o Ursinho Carrancudo.

É evidente que esta profecia se cumpre a si mesma e funciona em ambas as direções: a minha sorte não sofreu grandes melhorias desde o momento em que me vi no noticiário das seis a meter o dedo no nariz atrás de uma janela de acrílico. Nunca ganhei um concurso de pintura ou um sorteio no escritório; nunca ganhei a lotaria nem sequer um jogo de cabra-cega. Por outro lado, ganhei uma perna partida quando alguém caiu para trás nas escadas e me derrubou (sendo que quem caiu escapou sem um arranhão), ganhava consistentemente a tarefa de limpar a casa de banho em todas as férias da família, tendência esta que se arrastou ao longo de um período de cinco anos; um cão fez chichi em cima de mim enquanto tomava banhos de sol na Florida; não têm conta os pássaros que lançaram sobre mim as suas poias; e quando tinha 16 anos fui atingida por um relâmpago — sim, a sério —, mas sobrevivi para contar a história (isto obrigou-me a ter aulas durante o verão, uma vez que estive duas semanas sem ir à escola, quando o ano estava

mesmo a acabar). A Ami gosta de me lembrar alegremente de que em certa ocasião adivinhei o número de shots que restavam na garrafa meio cheia de tequila.

Mas depois de beber a maior parte dos shots durante a alegria da celebração, e de subsequentemente vomitar tudo, esta vitória não me pareceu particularmente afortunada.

A Ami tira o vestido (gratuito) do cabide e veste-o no mesmo instante em que a nossa mãe entra no quarto, vinda da sua suite contígua (que também é gratuita). Arqueja tão dramaticamente quando vê a Ami dentro do vestido, que tenho a certeza de que eu e a Ami pensámos na mesma coisa: *A Olive conseguiu, sabe-se lá como, manchar o vestido de noiva.*

Inspeciono-o para me certificar de que não manchei coisa nenhuma.

Depois de vermos que está tudo bem, a Ami expira e faz-me sinal para puxar o fecho do vestido, *com cuidado.*

— *Mami*, pregaste-nos um susto dos diabos.

Com a cabeça cheia de enormes rolos de velcro, um copo de champanhe meio vazio na mão (champanhe que é gratuito, claro), a nossa mãe compõe uma impressionante imitação da Joan Crawford. Isto é, se a Joan Crawford tivesse nascido em Guadalajara.

— *Ai, mijita*, estás tão bonita.

A Ami olha de relance para ela, sorri e depois parece lembrar-se, com uma ansiedade de separação imediata, da lista que ela deixou do outro lado do quarto. Levantando as saias esvoaçantes do vestido, a minha irmã aproxima-se da mesa.

— Mãe, deste a *pen drive* com a música ao DJ, não deste?

A nossa mãe bebe o resto do champanhe antes de se sentar com elegância no sofá fofo.

— *Sí*, *Amelia*. Dei o teu pequeno aparelho de plástico ao homem branco com rastas e aquele fato terrível.

O vestido magenta da nossa mãe é impecável, as pernas cruzadas pelos joelhos enquanto aceita mais um copo de champanhe oferecido pela assistente da suite da noiva.

— Ele tem um dente de ouro — acrescenta a nossa mãe. — Mas tenho a certeza de que é muito bom no seu trabalho.

A Ami ignora a observação e o som do seu visto confiante na lista de tarefas ecoa através do quarto. Ela não quer saber se o DJ não está à altura das expectativas da nossa mãe, ou até das suas. Ele é novo na cidade e ela ganhou os seus serviços num sorteio no hospital onde trabalha como enfermeira de hematologia. O facto de ser gratuito vence sempre a existência de talento.

— Ollie — diz a Ami, sem nunca descolar os olhos da lista à sua frente —, tens de te vestir também. O teu vestido está pendurado atrás da porta da casa de banho.

Desapareço imediatamente para a casa de banho com uma continência irónica.

— Sim, senhora.

A pergunta que nos fazem mais frequentemente é quem é a mais velha. Sempre achei que era bastante óbvio, porque embora a Ami seja apenas quatro minutos mais velha do que eu, é incontestavelmente a líder. Quando éramos crianças, brincávamos ao que ela queria brincar, íamos onde ela queria ir e, embora por vezes me queixasse, a verdade é que na maior parte das ocasiões a seguia alegremente. Ela é capaz de me convencer a fazer quase tudo.

E foi exatamente por isso que acabei dentro deste vestido.

— *Ami*. — Abro a porta da casa de banho de repente, horrorizada com o que acabei de ver no pequeno espelho. *Talvez seja da luz*, penso, levantando esta monstruosidade verde brilhante e encaminhando-me para um dos grandes espelhos da suite.

Uau, não é definitivamente da luz.

— Olive — responde a minha irmã.

— Eu pareço uma garrafa gigantesca de 7UP!

— Sim, miúda! — Exclama a Jules. — Talvez alguém te faça finalmente saltar a tampa!

A minha mãe pigarreia.

Olho furiosamente para a minha irmã. Já encarava com suspeita a minha função de dama de honor num casamento com o tema Sonho de Inverno em janeiro, por isso o meu único pedido foi que o meu vestido não tivesse qualquer vestígio de veludo vermelho ou pelo branco. Percebo agora que devia ter sido mais específica nas minhas exigências.

— Tu escolheste realmente este vestido? — Aponto para o decote profundo. — Isto foi intencional?

A Ami inclina a cabeça para o lado, observando-me.

— Bem, foi intencional no sentido em que ganhei o sorteio na Igreja Batista de Valley! Ganhei *todos* os vestidos das damas de honor de uma assentada... imagina só o dinheiro que te poupei.

— Nós somos *católicas*, não somos batistas, Ami. — Puxo o tecido. — Pareço uma das anfitriãs do O’Gara no Dia de São Patrício.

Percebo qual foi o meu erro principal — não ver o vestido antes do dia do casamento —, mas a minha irmã sempre teve um gosto irrepreensível. No dia da prova de vestidos, estava retida no escritório do meu chefe a implorar, sem sucesso, para não ser um dos 400 cientistas que a empresa ia despedir. Sei que estava distraída quando a minha irmã me mandou uma fotografia do vestido, mas não me lembro dele tão verde e brilhante.

Viro-me para o observar a partir de outro ângulo e... oh, Deus do céu, as costas ainda são piores. Também não ajuda que algumas semanas de... digamos, confeção desalmada de bolos e afins me tenham deixado um bocadinho mais cheia no peito e nas coxas.

— Se me puserem na parte de trás de todas as fotografias, posso sempre servir de ecrã verde.

A Jules aproxima-se por detrás de mim; é pequenina e tem o corpo tonificado por baixo do seu vestido verde brilhante.

— O vestido fica-te mesmo bem, confia em mim.

— *Mami* — chama a Ami —, este decote não evidencia as clavículas da Ollie?

— E as *chichis* dela. — O copo da minha mãe foi enchido novamente, e ela bebe mais um longo e vagaroso gole de champanhe.

As restantes damas de honor entram na suite e ouve-se um suspiro emotivo, sonoro e generalizado sobre como a Ami está linda no seu vestido de noiva. Esta reação é bastante normal na família Torres. Tenho noção de que isto pode parecer a observação de uma irmã invejosa, mas juro que não é. A Ami sempre adorou receber os mimos e atenções de toda a gente e eu não — como, de resto, ficou provado com a minha gritaria no noticiário das seis. A minha irmã cintila quando está em destaque; eu prefiro ajudar a encaminhar os holofotes na sua direção.

Temos 12 primas direitas; estamos sempre metidas nas vidas umas das outras, 24 horas por dia, sete dias por semana, mas com apenas 7 vestidos (de graça) no prémio da Ami, ela teve de tomar algumas decisões difíceis. Algumas primas ainda estão a viver no Monte Passivo-Agressivo por causa da escolha da minha irmã, e foram para um quarto só delas para se prepararem, mas talvez seja melhor assim; de qualquer maneira, esta suite é demasiado pequena para que tantas mulheres consigam enfiar-se nas suas cintas elásticas ao mesmo tempo.

Por cima de nós paira uma nuvem de laca para o cabelo e há frascos de produtos diversos, ferros de alisar e de encaracolar suficientes para abrir um salão de cabeleireiro de tamanho médio. Todas as superfícies ficam ou pegajosas com algum produto de modulação ou desaparecem de todo por baixo da

bolsa de maquilhagem de alguém que desemborcou todo o seu conteúdo.

Ouve-se uma batida na porta e a Jules vai abri-la; do outro lado está o nosso primo Diego. Tem 28 anos, é gay e está mais bem arranjado do que eu alguma vez poderia estar. O Diego protestou alegando que a Ami era sexista quando esta lhe disse que ele não podia fazer parte do grupo de damas de honor e que teria de acompanhar os rapazes do grupo do noivo. Se a sua expressão ao ver-me no vestido servir de indicador, neste momento o Diego sente-se abençoado por ficar com os homens.

— Já sei — digo, desistindo e afastando-me do espelho. — É um bocadinho...

— Apertado? — sugere ele.

— Não...

— Brilhante?

Fito-o furiosamente.

— Não.

— Indecente?

— Ia dizer *verde*.

Ele inclina a cabeça enquanto caminha à minha volta, absorvendo a imagem de todos os ângulos.

— Ia oferecer-me para fazer a tua maquilhagem, mas seria um desperdício do meu tempo. — Acena com a mão. — Hoje ninguém vai olhar para a tua cara.

— Não vale achincalhar a tua prima, Diego — diz a minha mãe, e reparo que não discorda da avaliação dele, só lhe disse para não me envergonhar diretamente.

Desisto de me preocupar com o vestido — e com o volume de mamas que vou exibir durante toda a cerimónia e o copo-de-água — e viro costas ao caos do quarto. Com as primas a policiarem-se umas às outras e a pedirem opiniões sobre sapatos, há uma dúzia de conversas a decorrer ao mesmo tempo.

A Natalia pintou o cabelo castanho de louro e está convencida de que arruinou por completo o rosto. O Diego concorda. O arame do soutien sem alças da Stephanie saiu e a tia Maria está a ensinar-lhe como puxar o peito para cima só com fita-cola. A Cami e a Ximena estão a discutir sobre qual cinta elástica pertence a quem, e a minha mãe esvazia novamente o copo de champanhe. Mas por entre todo o barulho e químicos, a Ami está concentrada na sua lista.

— Olive, já foste ver se está tudo a postos com o pai? Ele já cá está?

— Estava na sala do copo-de-água quando cá cheguei.

— Ótimo. — Mais um visto na lista.

Pode parecer estranho que a tarefa de ver se está tudo bem com o nosso pai tenha recaído sobre mim e não sobre a sua mulher, a nossa mãe, que está *mesmo aqui ao lado*, mas é assim que a nossa família funciona. Os pais não interagem diretamente, não desde que o nosso pai traiu a nossa mãe e ela lhe deu um chuto no rabo, mas depois recusou divorciar-se dele. Claro que ficámos do lado dela, mas já se passaram dez anos, e para eles o drama está tão aceso como no dia em que ela o apanhou. Desde que o nosso pai se foi embora, não me recordo de uma única conversa entre os dois que não tivesse passado por mim ou pela Ami, ou por algum dos sete irmãos que ambos têm ao todo. Apercebemo-nos muito cedo de que ia ser melhor assim para todos, mas a sensação que retiro de toda esta situação é a de que o amor é cansativo.

A Ami estende a mão para a minha lista e apresso-me a pegar nela antes que ela o faça; a minha falta de vistos ia deixá-la em pânico. Ao percorrer a lista com os olhos fico maravilhada por a tarefa seguinte exigir que saia desta caverna brumosa de laca de cabelo.

— Vou à cozinha certificar-me de que estão a fazer a minha comida. — O bufete gratuito do casamento vinha com uma

variedade de mariscos capaz de me enviar diretamente para a morgue.

— Espero que o Dane também tenha encomendado frango para o Ethan. — A Ami franze o sobrolho. — Meu Deus, espero que o tenha feito. Não te importas de perguntar?

Toda a tagarelice do quarto para de repente e 11 pares de olhos dirigem-se então na minha direção. Uma nuvem negra ensombra a minha disposição ao ouvir o nome do irmão mais velho do Dane.

Embora o Dane seja firmemente adequado, talvez um pouco parolo para o meu gosto — imaginem alguém que grita para a televisão durante os jogos, que é vaidoso com os seus músculos e que se esforça realmente por ter roupa de ginásio a condizer —, ele faz a Ami feliz. E isso é suficiente para mim.

O *Ethan*, por outro lado, é um idiota preconceituoso e irritante.

Ciente de que neste momento sou o centro das atenções, cruzo os braços, já aborrecida.

— Porquê? Ele também é alérgico a marisco? — Por algum motivo oculto, só a possibilidade de ter algo em comum com Ethan Thomas, o homem mais carrancudo à face da Terra, faz-me sentir irracionalmente violenta.

— Não — diz a Ami. — Ele é só esquisito com bufetes.

Isto arranca-me uma gargalhada.

— Com *bufetes*. Está bem. — Pelo que pude ver, o Ethan é esquisito com absolutamente tudo.

Por exemplo, no churrasco que o Dane e a Ami deram no 4 de Julho, ele não tocou em nenhuma da comida que passei metade do dia a preparar. No Dia de Ação de Graças, trocou de lugar com o pai, o Doug, só para não ficar sentado ao meu lado. E no jantar de ensaio da noite passada, de cada vez que comia um pouco de bolo ou que a Jules e o Diego me faziam rir, o Ethan esfregava a têmpora com a expressão mais dramática

de sofrimento que já vi. Acabei por deixar o bolo para trás e por ir cantar karaoke com o meu pai e o tio Omar. Ainda estou furiosa por ter prescindido de três dentadas de um *bolo extraordinário* por causa do Ethan Thomas.

A Ami franze o sobrolho. Ela também não é a maior fã do Ethan, mas já deve estar cansada de ter esta conversa comigo.

— Olive, tu mal o conheces.

— Conheço-o suficientemente bem. — Olho para ela e digo duas palavras apenas: — *Snacks* de queijo.

A minha irmã suspira e abana a cabeça.

— Por amor de Deus, nunca te vais esquecer disso.

— Porque se eu comer, rir, ou respirar estarei a ofender a sua sensibilidade delicada. Sabes que já estive no mesmo espaço do que ele umas 50 vezes e mesmo assim continua a fazer uma expressão como se tentasse lembrar-se de quem eu sou? — Faço um gesto entre as duas. — Somos *gémeas*.

A Natalia levanta a voz, no fundo do quarto onde está a arranjar o cabelo oxigenado. Não é justo que o seu peito grande caiba naquele vestido apertado, pois não?

— Agora é a tua oportunidade de estabeleceres uma amizade com ele, Olive. Hum, ele é tão bonito.

Como resposta, dirijo-lhe a Sobrancelha em Arco dos Torres, um sinal de reprovação.

— De qualquer maneira, tens de ir à procura dele — diz a Ami, e a minha atenção concentra-se novamente nela.

— Espera. Porquê?

Perante a minha expressão espantada, ela aponta para a lista que tenho na mão.

— Número set...

À mínima sugestão de que preciso de falar com o Ethan, o pânico instala-se de imediato e levanto a mão para a Ami parar de falar. Mas lá está, quando olho para a minha lista, no número 73 — porque a Ami sabe que não ia dar-me ao trabalho

de ler antecipadamente a lista toda — está a pior tarefa de sempre: *Conseguir que o Ethan te mostre o discurso de padrinho. Não deixar que diga nada terrível.*

Se não posso culpar a falta de sorte por este frete, posso certamente culpar a minha irmã.

Capítulo 2

Assim que saio para o corredor, o barulho, o caos e os vapores da suite da noiva parecem ficar selados num vácuo; o exterior do quarto está maravilhosamente silencioso. Na verdade, é tão pacífico que nem me apetece abandonar este momento para ir procurar a porta ao fundo do corredor com a pequena caricatura do noivo por cima da vigia. Não tenho dúvidas de que o boneco tranquilo esconde uma verdadeira *rave* pré-casamento alimentada por charros e cerveja. Até o Diego, confesso amante de festas, preferiu arriscar a sua saúde auditiva e respiratória e ficar com o grupo da noiva.

Inspiro profundamente dez vezes numa tentativa de atrasar o inevitável.

É o casamento da minha irmã gémea e estou verdadeiramente tão feliz por ela que podia explodir de alegria. Mas mesmo assim continua a ser difícil animar-me por completo, sobretudo nestes momentos solitários e mais silenciosos. Deixando de parte a minha falta de sorte crónica, estes dois meses foram genuinamente uma porcaria: a minha colega de casa mudou-se e tive de procurar um apartamento novo, que é minúsculo. Mesmo assim, acabei por ficar a pagar mais do que podia sozinha e, como dita o azar que patenteei, fui dispensada da empresa farmacêutica onde já trabalhava há seis anos. Nas últimas semanas fui a nada mais nada menos do que sete entrevistas e não tive resposta de nenhuma. E agora estou aqui, prestes a ficar frente a frente com o meu arqu-inimigo, Ethan Thomas, enfiada dentro de um vestido verde brilhante que mais parece a pele esfolada do Sapo Cocas.

É difícil de acreditar que houve uma altura em que mal podia esperar por conhecer o Ethan. As coisas entre a minha irmã e o namorado estavam a ficar sérias e a Ami queria apresentar-me à família do Dane. O Ethan saiu do seu carro no parque de estacionamento da Feira Estadual do Minnesota com aquelas pernas compridas e os olhos tão azuis que os vi a dois carros de distância. De perto, vi que tinha mais pestanas do que qualquer homem tem o direito a possuir. O seu pestanejar era lento e convencido. Olhou-me diretamente nos olhos, cumprimentou-me com um aperto de mão e depois dirigiu-me um sorriso perigoso, de esguelha. Escusado será dizer que senti tudo menos um interesse fraterno nele.

Mas depois cometi aparentemente o pecado capital de ser uma rapariga com curvas a comprar um cesto de *snacks* de queijo. Tínhamos parado logo depois da entrada da feira para elaborar o plano do dia e esgueirei-me para ir comprar qualquer coisa para comer — não há nada mais glorioso do que a comida na Feira Estadual do Minnesota. Voltei e encontrei o grupo junto à exibição de gado. O Ethan olhou para mim, depois para o meu delicioso cesto de queijo frito, franziu o sobrolho e virou-me imediatamente as costas, enquanto murmurava qualquer coisa sobre procurar o concurso de cervejas artesanais. Na altura não pensei muito nisso, mas também não o vi durante o resto da tarde.

Desde esse dia que ele me trata sempre com desdém e implicância. O que é que querem que pense? Que ele foi da simpatia ao desdém em dez minutos por outro motivo qualquer? É evidente que a minha opinião sobre o Ethan Thomas é uma apenas: ele que vá à merda. À exceção do dia de hoje (e isto deve-se principalmente a este vestido), gosto bastante do meu corpo. Nunca vou permitir que alguém me faça sentir mal sobre o meu corpo *nem* sobre os *snacks* de queijo.

As vozes chegam-me do outro lado da suite do noivo — uma conversa descontraída qualquer sobre suor masculino,

cerveja ou como abrir um pacote de *Cheetos* só com a força do olhar; sei lá, afinal estamos a falar do grupo de amigos no casamento do Dane. Levanto o punho e bato à porta, mas esta abre-se tão rapidamente que dou um passo assustado para trás, piso a bainha do vestido e quase caio.

Claro que quem abre a porta é o Ethan; só podia ser. Estende os braços e as mãos apanham facilmente a minha cintura. Enquanto me ajuda a equilibrar, sinto o meu lábio a enroscar-se e observo a mesma repulsa suave a inundar-lhe o rosto antes de puxar as mãos e as enfiar nos bolsos. Imagino que assim que tiver oportunidade vai pegar numa toalhita desinfetante.

O movimento chama-me a atenção para o que ele está a usar — um smoking, obviamente — e para como lhe fica bem no corpo alto e esguio. O cabelo castanho está primorosamente penteado para longe da testa; as pestanas absurdamente compridas, como sempre. Digo a mim mesma que as sobrancelhas escuras e espessas são um exagero ridículo — acalma-te, Mãe Natureza —, mas é inegável que lhe ficam maravilhosamente bem no rosto.

É que não gosto mesmo dele.

Sempre soube que o Ethan é um homem bonito — não sou cega —, mas vê-lo assim vestido num smoking preto é um pouco de confirmação a mais para o meu gosto.

Ele olha para mim com a mesma atenção. Começa pelo meu cabelo — talvez esteja a julgar-me por o usar simplesmente puxado e preso atrás — e depois olha para a maquilhagem simples — o mais certo é sair com modelos de tutoriais de maquilhagem no *Instagram* — antes de observar lenta e metodicamente o meu vestido. Inspiro profundamente para resistir ao impulso de cruzar os braços sobre o peito e a barriga.

Ele levanta o queixo.

— Presumo que tenha sido gratuito.

E *eu* presumo que enfiar-lhe o joelho nas virilhas seria uma sensação fantástica para mim.

— A cor é maravilhosa, não te parece?

— Pareces uma pintarola.

— Oh, Ethan, para lá com a sedução.

Um sorriso minúsculo puxa-lhe o canto da boca.

— Há muito poucas pessoas que consigam fazer essa cor resultar, Olivia.

Pelo seu tom de voz percebo que não me incluo no grupo restrito.

— O meu nome é Olive.

A minha família alargada acha uma graça desmesurada que os meus pais me tenham dado o nome de Olive e não a versão eternamente mais lírica de Olivia. Desde que me lembro, todos os tios da parte da minha mãe me chamam *Aceituna* ou *Azeitona*, só para a irritarem.

Mas duvido que o Ethan saiba disso; está apenas a ser um parvalhão.

Ele balança o corpo sobre os calcanhares.

— Certo, certo.

Estou cansada deste jogo.

— Pronto, isto é tudo muito divertido, mas preciso de ver o teu discurso.

— O meu *brinde*?

— Estás a corrigir a minha escolha de palavras? — Aceno com a mão para a frente. — Deixa-me ver.

Ele encosta casualmente o ombro à moldura da porta.

— Não.

— Na verdade, isto é uma questão de segurança pessoal para ti. A Ami mata-te com as próprias mãos se disseres alguma coisa estúpida. Sabes disso.

O Ethan inclina a cabeça, avaliando-me. Ele tem mais de um metro e noventa de altura, e eu e a Ami... não. A sua posição fica bem clara, sem proferir uma única palavra: *Gostava de a ver tentar*.

O Dane aparece a espreitar sobre o ombro do irmão e o rosto ensombra-se assim que me vê. Aparentemente, não sou a fornecedora de cervejas que ambos esperavam.

— Oh. — O Dane recupera rapidamente. — Olá, Ollie. Está tudo bem?

Sorrio alegremente.

— Está tudo ótimo. O Ethan ia agora mesmo mostrar-me o seu discurso.

— O brinde?

Quem diria que esta família era tão agarrada às etiquetas?

— Sim.

O Dane assente com a cabeça para o Ethan e faz sinal para ele entrar no quarto.

— É a tua vez. — Depois vira-se para mim e explica: — Estamos a jogar Kings. O meu irmão mais velho está prestes a ser *conquistado*.

— Um jogo de bebidas mesmo antes do casamento — digo, deixando escapar uma pequena gargalhada. — Parece-me uma escolha prudente.

— Vou já. — O Ethan sorri ao irmão, já a virar costas, antes de se voltar novamente para mim e ambos apagarmos os sorrisos do rosto, regressando às nossas expressões fechadas.

— Escreveste alguma coisa, pelo menos? — pergunto. — Não vais tentar falar de improviso, pois não? É que isso nunca corre bem. Nunca ninguém é tão engraçado quanto julga quando se decide a improvisar, e muito menos tu.

— *Muito menos eu?* — Embora o Ethan seja a personificação do carisma quando está perto de qualquer outro humano, quando está comigo parece um robô. Neste momento, o seu rosto tem uma expressão de tal forma controlada, tão confortavelmente inexpressiva, que não sei se o ofendi de verdade ou se está apenas a provocar-me para depois dizer alguma coisa ainda pior.

— Nem sequer tenho a certeza se consegues ser engraçado... — vacilo, mas ambos sabemos que estou determinada a acabar a provocação — com um discurso *escrito*.

Uma sobranceira escura contorce-se. Foi bem-sucedido a fazer-me morder o isco.

— Muito bem — rosno —, certifica-te apenas de que não fazes um *brinde* parolo. — Olho de relance para o fundo do corredor e recordo-me do outro assunto que tinha para falar com ele. — E presumo que já te certificaste de que não tens de comer do bufete ao jantar? Se não falaste à cozinha, eu posso fazer isso quando lá for a seguir.

Ele deixa cair o sorriso sarcástico e substitui-o por algo que se assemelha a surpresa.

— É muito atencioso da tua parte. Não, não pedi um prato alternativo.

— A ideia foi da Ami, não minha — esclareço. — Ela é que se preocupa com a tua aversão em partilhar comida.

— Eu não tenho problema nenhum em *partilhar comida* — explica —, o meu problema é que os bufetes são verdadeiros viveiros de bactérias.

— Espero honestamente que incluas esse nível poético e perspicaz no teu discurso.

Ele dá um passo atrás e estende a mão para a porta.

— Diz à Ami que o meu *brinde* é hilariante e nada parolo.

Quero dizer qualquer coisa mordaz, mas a única coisa que me ocorre é como é insultuoso que umas pestanas como as dele tenham sido desperdiçadas no Moço dos Recados de Satanás, por isso limito-me a assentir rigidamente com a cabeça e viro-me para percorrer o corredor.

Socorro-me de todas as minhas forças para não ajeitar a saia do vestido enquanto caminho. Posso estar a ser paranoica, mas acho que sinto o seu olhar crítico colado ao brilho justo do vestido até que entro no elevador.

*

Os funcionários do hotel levaram mesmo à letra o tema de Natal-em-Janeiro que a Ami escolheu. Felizmente, em vez de pais natais de veludo vermelho e renas de peluche, o corredor central da sala está decorado com neve falsa. Apesar de aqui dentro estarem pelo menos 23 graus, a alusão à neve molhada e suja do exterior faz com que toda a sala tenha uma atmosfera fria e cheia de correntes de ar. O altar está decorado com flores brancas e ramos de azevinho com bagas, coroas de pinheiro em miniatura adornam as costas de todas as cadeiras, e no interior dos ramos brilham pequenas luzes brancas cintilantes. Na verdade, é tudo muito bonito, mas mesmo do fundo da sala onde estamos alinhados consigo ver as pequenas etiquetas presas a cada cadeira encorajando os convidados: *Escolha a Finley Bridal para o seu dia especial.*

Os convidados estão inquietos. O Diego espreita para o salão do banquete e relata a localização dos homens mais atraentes. A Jules está a esfoçar-se valorosamente por conseguir o número de telefone de um dos amigos do noivo, e a minha mãe está a dizer à Cami para dizer ao meu pai para se certificar de que tem a braguilha fechada. Estamos todos à espera de que o coordenador da cerimónia nos dê sinal e mande as meninas das flores pelo corredor fora.

A cada segundo que passa, o meu vestido parece ficar mais apertado.

O Ethan assume, finalmente, o seu lugar ao meu lado e, quando sustem a respiração para a libertar de forma lenta e controlada, parece um suspiro resignado. Sem sequer olhar para mim, oferece-me o braço.

Embora me sinta tentada a fazer de conta que não reparei, aceito o seu braço, ignorando a sensação do bíceps curvo a passar por baixo da minha mão e a forma como o flete ligeiramente, prendendo o meu braço ao lado do seu corpo.

— Ainda vendes drogas?

Cerro os dentes.

— Sabes bem que não é esse o meu trabalho.

Ele olha de relance para trás e depois vira-se novamente para a frente; ouço-o inspirar antes de falar, mas depois não diz nada, fica em silêncio.

Não pode ser o tamanho, o volume ou a insanidade generalizada da nossa família — que já o quebrou há demasiado tempo —, mas sei que há *qualquer coisa* que o está a incomodar. Olho de relance para cima e fico à espera.

— Seja lá o que for, diz de uma vez o que estás a pensar.

Juro que não sou uma mulher violenta, mas ao ver o seu sorriso matreiro apontado para baixo, para mim, a vontade de espetar o tacão do meu sapato na biqueira do seu sapato lustroso é quase irresistível.

— Tem alguma coisa que ver com a fila de damas de honor que parecem pintarolas, não tem? — Até o Ethan tem de admitir que há alguns corpos espetaculares no alinhamento das damas de honor, mas, ainda assim, nenhuma de nós consegue fazer com que o tecido verde acetinado resulte.

— Leste-me o pensamento, Olive Torres.

O meu sorriso sarcástico condiz com o dele.

— Registem este momento, senhoras e senhores. O Ethan Thomas lembrou-se do meu nome três anos depois de nos termos conhecido.

Ele vira o rosto para a frente e compõe a expressão. É sempre difícil para mim encaixar o Ethan controlado e mordaz com o Ethan encantador que observo a atravessar uma sala cheia de gente, ou mesmo com o Ethan selvagem de que a Ami se queixa há quatro anos. Não obstante a sua determinação em esquecer-se de qualquer coisa que lhe diga — como o meu trabalho ou o meu *nome* —, detesto reconhecer como ele tem uma influência terrível no Dane, arrastando-o consigo para tudo

e mais alguma coisa, desde fins de semana loucos na Califórnia a aventuras cheias de adrenalina do outro lado do globo. Claro que estas viagens coincidem sempre com eventos profundamente apreciados por papa-concursos como a minha irmã, a sua noiva: aniversários de namoro, dias de anos e dias dos namorados. Ainda em fevereiro último, por exemplo, quando o Ethan raptou o Dane para um fim de semana de rapazes em Las Vegas, a Ami acabou por me levar a um jantar romântico (e gratuito) para casais no St. Paul Grill.

Sempre pensei que a base da frieza do Ethan em relação a mim se devia ao facto de ser curvilínea e fisicamente repulsiva para ele, que é preconceituoso e lixo humano, mas agora ocorre-me, aqui de pé com ele, a segurar no seu bíceps, que talvez seja por isso que ele é um idiota tão grande: o Ethan está ressentido por a Ami ser uma parte tão importante da vida do seu irmão, mas não pode demonstrar estes sentimentos diretamente sem alienar o Dane. E assim descarrega em mim.

Esta epifania faz abater-se sobre mim uma nova clareza de pensamento.

— Ela é mesmo muito boa para ele — digo agora, ouvindo o tom protetor da minha voz.

Sinto-o a virar-se para olhar para baixo para mim.

— O quê?

— A Ami — esclareço. — Ela é muito boa para o Dane. Sei que me consideras completamente desagradável, mas seja lá qual for o problema que tenhas com *ela*, tens de saber disso, está bem? Ela tem uma boa alma.

Antes de o Ethan ter oportunidade para responder, o coordenador (gratuito) do casamento dá finalmente um passo em frente e acena aos músicos (gratuitos); a cerimónia começa.

Tudo o que esperava que acontecesse acontece: a Ami está linda. O Dane parece bastante sóbrio e sincero. Trocam-se as

alianças, os votos, e o beijo final é desconfortavelmente libidinoso. Não foi definitivamente um beijo aceitável para a Igreja, mesmo que não estejamos numa igreja. A minha mãe chora, o meu pai faz de conta que não chora. E durante toda a cerimónia, enquanto seguro no gigantesco ramo de flores (gratuito) da Ami, o Ethan paira sobre mim como uma silenciosa silhueta de cartão da sua pessoa, mexendo-se apenas quando tem de levar a mão ao bolso para pegar nas alianças.

Oferece-me o braço novamente quando nos preparamos para voltar a percorrer o corredor central, mas desta vez está ainda mais rígido, como se eu estivesse coberta de gosma e ele tivesse receio de sujar o fato. Por isso, faço questão de me encostar a ele e depois espeto-lhe mentalmente o dedo quando saímos do corredor, permitindo o fim do contacto e a dispersão em direções opostas.

Temos dez minutos até nos juntarmos novamente para as fotografias formais e vou usar este tempo para retirar as pétalas murchas dos centros de mesa. Esta miúda vai riscar algumas tarefas da lista. Quero lá saber o que o Ethan vai fazer com o seu tempo!

Aparentemente, vai seguir-me.

— O que é que foi aquilo há pouco? — pergunta ele.

Olho por cima do ombro.

— Aquilo o quê? — pergunto.

Ele assente com a cabeça para o corredor da sala.

— Ali atrás. Ainda agora.

— Ah. — Viro-me para ele e dirijo-lhe um sorriso reconfortante. — Fico contente por te sentires confortável em pedir ajuda quando estás confuso. Então: aquilo foi um casamento, uma cerimónia importante, ainda que não indispensável, da nossa cultura. O teu irmão e a minha...

— Antes da cerimónia. — As sobrancelhas dele estão cerradas, as mãos enfiadas no fundo dos bolsos. — Quando

disseste que te acho desagradável? Que tenho um problema com a Ami?

Olho para ele boquiaberta.

— A sério?

Ele olha em redor, como se precisasse de uma testemunha para corroborar a minha estupidez.

— Sim, a sério.

Por um instante fico sem palavras. A última coisa de que estava à espera era que o Ethan precisasse de alguma espécie de clarificação sobre a nossa onda constante de comentários resmungões.

— Sabes bem. — Aceno vagamente com a mão. Sob o seu olhar, e longe da cerimónia e da energia de uma sala cheia de gente, sinto-me subitamente menos confiante na minha teoria anterior. — Acho que guardas ressentimentos em relação à Ami por ela afastar o Dane de ti. Mas, sei lá, não podes dizer-lhe isso sem que o teu irmão fique aborrecido, por isso preferes ser um parvalhão crónico para mim.

Quando ele se limita a pestanejar para mim, continuo:

— Tu nunca gostaste de mim, e ambos sabemos que é muito mais profundo do que a questão dos *snacks* de queijo, quer dizer, nem sequer quiseste comer o meu *arroz con pollo* no 4 de Julho, o que tudo bem, quem perde és tu, mas só para que saibas, ela é ótima para ele. — Aproximo-me mais, para dar ênfase. — *Ótima*.

O Ethan solta uma única e incrédula gargalhada e a seguir tapa a boca com a mão, para abafar.

— É apenas uma teoria — afirmo.

— Uma teoria.

— Para explicar por que motivo não gostas de mim.

Ele enruga a testa.

— Por que motivo não gosto de ti?

— Vais limitar-te a repetir tudo o que eu disser? — Tiro a lista enrolada que escondi dentro do meu ramo de flores

e abano-a à sua frente. — Porque se já acabaste, tenho mais que fazer.

Recebi mais alguns segundos de silêncio atordoado antes de ele parecer entender algo que já lhe podia ter dito há séculos:

— Olive. Tu és legitimamente doida varrida.

A minha mãe põe um copo de champanhe na mão da Ami e parece fazer parte da lista de tarefas de outra pessoa qualquer certificar-se de que o copo está sempre cheio, porque vejo a minha irmã a beber, mas nunca vejo o copo vazio. Isto implica que o copo-de-água deixa de ser um evento perfeitamente controlado e temporizado, ligeiramente rígido, para passar a ser uma verdadeira festa. Os níveis de ruído vão do educado à festa de estudantes. As pessoas assaltam o bufete de mariscos como se nunca na vida tivessem visto comida sólida. O baile ainda nem sequer começou e o Dane já atirou o laço para uma fonte e descalçou os sapatos. O facto de a Ami não estar minimamente preocupada com isto é a prova do seu estado ébrio.

Quando se aproxima a altura dos brindes, conseguir que pelo menos metade da sala sossegue é uma tarefa monumental. Depois de bater suavemente algumas vezes com o garfo no copo sem conseguir controlar o barulho, o Ethan lança-se finalmente no discurso, mesmo que nem toda a gente esteja a ouvir.

— Tenho a certeza de que a maior parte de vocês vai ter de ir em breve fazer um chichi — começa por dizer, falando para um microfone enorme e felpudo —, por isso serei breve. — A multidão acaba por se acalmar e ele continua. — Acho que, na verdade, o Dane não quer que eu fale muito hoje, mas considerando que não sou apenas o seu único irmão mais velho, mas também o seu único amigo, lá terá de ser.

Surpreendendo-me a mim mesma, soltei uma gargalhada ensurdecadora. O Ethan faz uma pausa e olha para mim de relance, com um sorriso de surpresa no rosto.

— O meu nome é Ethan — continua ele, e quando pega num comando que estava junto ao seu prato, começa a passar num ecrã atrás de nós um filme com fotografias dele e do Dane quando eram crianças. — Sou o melhor irmão, o melhor filho. Estou felicíssimo por podermos partilhar este dia não só com tantos amigos e familiares, mas também com tanto álcool. A sério, já deram uma vista de olhos ao bar? Alguém que mantenha a irmã da Ami debaixo de olho, porque com demasiados copos de champanhe aquele vestido não tarda está fora. — Sorri na minha direção com ar travesso. — Lembras-te da festa de noivado, Olivia? Bem, se não te lembras, eu lembro.

A Natalia pega-me no pulso antes que eu consiga pegar numa faca.

— Meu! — O Dane grita meio embriagado para o irmão e a seguir ri-se como um perdido. Neste momento gostava mesmo que o Feitiço de Morte fosse realidade. (E, já agora, eu não despi realmente o meu vestido na festa de noivado. Só usei a bainha para limpar o suor da testa uma ou duas vezes. Estava uma noite quente e a tequila faz-me transpirar.)

— Se olharem para algumas destas fotografias de família — diz o Ethan, gesticulando para trás para onde ele e o Dane adolescentes estão a esquiar, a surfar e a parecerem genericamente dois idiotas bafejados pela genética —, podem ver que fui o irmão mais velho por excelência. Fui o primeiro a ir para o campo de férias, o primeiro a aprender a conduzir e o primeiro a perder a virgindade. Lamento, mas não tenho fotografias desse momento. — Pisca o olho à multidão de forma encantadora e uma onda de risinhos atravessa a sala. — Mas o Dane foi o primeiro a encontrar o amor. — Segue-se um rugido coletivo de *ohhhh*, da parte dos convidados. — Espero um dia ter a sorte de encontrar alguém que seja metade daquilo que a Ami é, uma miúda espetacular. Não a largues, Dane, porque nenhum de nós tem a menor ideia de onde ela está com a cabeça.

— Pega no copo de whisky e quase 200 braços se juntam ao seu no ar para o brinde. — Parabéns aos dois. Agora, vamos beber.

Volta a sentar-se e olha de relance para mim.

— Foi suficientemente ensaiado para ti?

— Foi quase encantador. — Olho por cima do ombro dele.

— Ainda está de dia. O teu *troll* interior deve estar a dormir.

— Oh, vá lá — diz ele —, tu riste-te.

— O que nos surpreendeu a ambos.

— Bem, é a tua vez de me entalares — diz ele, fazendo sinal de que devia levantar-me. — Sei que é pedir muito, mas tenta não passar vergonha.

Pego no meu telemóvel, onde tenho o discurso guardado e antes de me levantar tento esconder o tom defensivo da minha voz ao responder:

— Cala-te, Ethan.

Boa, Olive.

Ele ri-se enquanto se debruça para comer um pouco de frango.

Quando me levanto e olho para os convidados, um aplauso superficial varre a sala.

— Olá a todos — digo e toda a sala se assusta quando o microfone guincha de modo ensurdecedor. Afastando um pouco o microfone da boca e com um sorriso rasgado, aponto para a minha irmã e para o meu cunhado e digo: — Eles conseguiram!

Toda a gente aplaude quando o Dane e a Ami se aproximam para darem um beijo querido. Observei-os antes a dançar a música favorita da Ami, *Glory of Love*, do Peter Cetera, e consegui ignorar a pressão dos olhares intensos do Diego para se lamentar não-verbalmente sobre o famoso gosto musical terrível da minha irmã. Estava genuinamente perdida na perfeição da cena à minha frente: a minha irmã gémea no seu lindo vestido de noiva, o cabelo suavizado pelo tempo e o movimento, o seu sorriso doce e feliz.

As lágrimas ardem-me nos olhos enquanto procuro na aplicação *Notas* e abro o discurso.

— Para aqueles que não me conhecem, deixem-me tranquilizar-vos: não, ainda não estão embriagados, sou irmã gémea da noiva. O meu nome é Olive, não Olivia — digo, olhando de relance para o Ethan. — Sou a irmã favorita, a cunhada favorita. Quando a Ami conheceu o Dane... — Faço uma pausa quando uma mensagem da Natalia aparece no ecrã, tapando o discurso.

Para que saibas, as tuas mamas estão ótimas vistas daqui.

Na sala, ela levanta-me os polegares e eu faço a mensagem deslizar do ecrã.

— ... falou-me dele de uma forma que eu nunca...

Que tamanho de soutien estás a usar?

Outra vez a Natalia.

Afastei a mensagem rapidamente e tentei situar-me novamente no discurso. Com franqueza, alguém tem familiares que mandam mensagens de texto quando estamos obviamente a ler o discurso *no telemóvel*? Eu tenho.

Pigarreio.

— Falou-me dele de uma forma que eu nunca a tinha ouvido falar. Havia qualquer coisa na sua voz...

Sabes se o primo do Dane é solteiro?
Ou se por acaso será... ;)

Dirijo um olhar de aviso ao Diego e afasto agressivamente a mensagem do ecrã do telemóvel.

— ... havia qualquer coisa na sua voz que me disse que sabia que isto era diferente, que se sentia diferente. E eu...

Para de fazer essa cara. Parece que estás com prisão de ventre.

A minha mãe. Claro.

Afasto a mensagem e continuo. Atrás de mim, o Ethan entrelaça as mãos atrás da cabeça com ar fanfarrão e mesmo sem olhar para ele sinto o seu sorriso de satisfação. Continuo, porque ele não pode vencer esta ronda, mas avanço apenas duas palavras no meu discurso quando sou interrompida por um gemido assustado de dor.

A atenção da sala inteira dirige-se para onde o Dane se encontra dobrado sobre si, agarrado ao estômago. A Ami mal tem tempo para lhe pôr uma reconfortante mão sobre o ombro e para se virar para ele com preocupação, quando o Dane leva uma mão à boca e a seguir começa a projetar vômito por entre os dedos, mesmo para cima da minha irmã e do seu lindo vestido (gratuito).



Umás férias de sonho... na pior companhia possível!

Olive está habituada a não ter sorte. Seja no amor, na carreira ou em qualquer outro aspeto da sua vida, o azar está sempre à espreita. Já Ami, a sua irmã gémea, é tão sortuda que conseguiu organizar toda a sua festa de casamento com os prémios que ganhou em concursos online. Só que a boda de sonho da irmã é sinónimo de pesadelo para Olive, que terá de passar toda a cerimónia com o detestável Ethan Thomas, irmão e padrinho do noivo.

Mas a sorte de Olive parece estar prestes a mudar, já que todos os convidados apanham uma intoxicação alimentar e só ela e Ethan não são afetados. E com o casal doente, há uma lua de mel no Havai com tudo pago... e sem noivos!

Encorajada por Ami e determinada a impedir que Ethan goze umas férias gratuitas sozinho, Olive decide esquecer as diferenças que os separam e embarcar rumo ao paraíso. Afinal, será assim tão difícil evitarem-se um ao outro durante dez dias? Até nem seria, se Olive não desse de caras com o seu novo patrão e não precisasse de se fingir apaixonada numa idílica lua de mel.

O problema é que essa mentira inocente ganha contornos mais graves e o infortúnio de Olive parece agravar-se cada vez mais. Mas Olive não se sente azarada. Na verdade, começa até a sentir-se... uma felizarda.

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-875-2



9 789896 688752

Ficção Romântica